

Um ano sem Sidney

O Outro Lado

Tudo ou quase tudo foi dito ou escrito sobre Dr. Sidney. Aqui e agora abordo apenas o outro lado desse homem que conquistou a todos e a quase tudo que espontaneamente dedicava-se. O outro lado, sem camisa social, sem gravata, sem paletó e sem colete. Abotoaduras, nem pensar, sapatos envernizados pior ainda. Sungas, sandálias e bonés, um para cada dia; de manhãzinha, bem cedinho, era o primeiro a levantar, aos acordes do galo Álvaro, ainda se dava o luxo de uma camiseta, pois fazia frio naquele verão de 92, achava ele.

A cozinha acordando com os primeiros raios do Sol, preparava-se para a primeira tarefa: seu chá de mastroz com leite, sim, claro, lutava contra uma tosse crônica que o incomodava demais, até TC do tórax fez nos EUA, e nada de nada descobriram. Aceitou de bom grado, receita dos antigos faz efeito, dizia. Ingeria gole a gole arregalando os olhos sob os óculos inseparáveis, aquele verdadeiro purgante. No último berrava: você hein Dona Yasmin me arranja cada uma...

Aquela altura a se chegar dele e da mesa comprida, Dona Clarinha, Dr. Corona, Dona Inez e a filharada agrupavam-se para o sacrifício do café da manhã. Antes, porém todos assistiam à sua segunda tarefa – obrigatória por sinal: a tapotagem, ora

sentado ora semideitado durava não mais que trinta minutos. Tormento para quem aplicava e recebia. Das mãos encurvadas de início, virava mesmo tapadas nos minutos finais.

Os adolescentes que ansiosos o aguardavam para o café da manhã riam gostosamente. Como mais velho, servia-se primeiro, seu sempre favorito mingau de tapioca (fumegante ainda), saboreava até a última colherada, com pó de canela claro. Em seguida, entrava pela paçoca, banana da terra, aipim ou inhame com coco ralado, refestelava-se. Todos a se divertirem.

Rindo sempre Dona Clarinha resmungava: “não comas tanto assim ô Sidney vais passar mal”. Nunca passava. Depois desse sacrifício, éramos obrigados a andar. Nessas andanças fez uma das grandes descobertas, que para nós “nativos” nunca perceberíamos. Praias belas à direita, dendezeiros à esquerda, manguezais na retaguarda era a paisagem que para nós descortinava naquela manhã da Baía de Camamu.

- “Olha lá, olha lá ô Corona!”

- “O que Sidney?”

Olho e não vejo nada – e repare que os olhos de radiologistas são privilegiados. Do simples tronco do dendê sobressaia-se dezenas de heras e arbustos, isso para nós simples mortais, não para ele, profundo

conhecedor da Botânica, assaz devorador de livros sobre as orquídeas, deparamo-nos não só por alguns minutos, interrompendo o Cooper, mas algumas horas até conseguir saciar um dos seus maiores prazeres de colecionador, a admirar essas selvagens in natura, trazidas e aderidas aos troncos por outros que não o humano.

Desse dia em diante nenhum dendezeiro seria o mesmo de antes, todos já o olhavam com outros olhos, dali não só se extrairia o dendê, mas também orquídeas selvagens. Hoje, meu inesquecível amigo, as pousadas rústicas ou não, decoram seus ambientes com sua singela descoberta. Sua presença naquele pedacinho de paraíso perdido foi por demais marcante. Ao compará-lo à sua Tutaméia, sentimo-nos privilegiados de recebê-lo.

Da sua genialidade simples sem retoques, lançou uma idéia, quicá desafio. “Da próxima vez gostaria de sugerir fotos das pessoas que aqui passaram”. Surgiu então o MURAL SIDNEY-CORONA, no Bamba Furado. Os verões se sucedem, o tempo, senhor de si e de todos nunca retrocede, sempre avante, numa infinita avalanche.

Imprevisível às vezes, a vida nos oferta coisas boas. Oito anos se passaram. Estamos juntos de novo. Da folga solicitada aos ilustres e eméritos coordenadores do Congresso Brasileiro de

